

Computador vai ajudar a diagnosticar hipertensão

Saúde
Fernando Zamith

José Carlos Brasil



Daniel Sigulem

SÃO PAULO

— Num futuro não muito distante, em cidades do interior brasileiro, carentes de médicos especialistas, essa cena poderá se tornar real: um paciente hipertenso será atendido por um clínico-geral, que, assistido por um auxiliar inusitado — um computador — poderá diagnosticar com precisão a doença e indicar o melhor tratamento. Para chegar a tal ponto, quando um computador agirá e reagirá como um ser inteligente, um projeto inédito de pesquisa começou a ser ativado ontem, em São Paulo, num convênio entre a Escola Paulista de Medicina, uma das principais faculdades federais do país, e a IBM Brasil.

A faculdade fornecerá o conhecimento médico de seus professores e a empresa a tecnologia para obter a chamada inteligência artificial. Não foi à toa que a pesquisa voltou-se para o problema da hipertensão: no Brasil, há 20 milhões de pessoas com pressão alta (15% da população, índice semelhante ao de outros países) e apenas 80 médicos especialistas, como observou o diretor do Centro de Informática em Saúde, da Escola Paulista de Medicina, professor Daniel Sigulem.

A expectativa do projeto é obter resultados em dois anos, mas torna-se impossível garantir a data com certeza. Armando Freitas da Rocha, pesquisador em inteligência artificial, lembrou que há centenas de pesquisas com os mais variados objetivos envolvendo a inteligência artificial,

MAI 1988

mas nenhuma delas ainda com resultados positivos. O nó da questão consiste em dotar um computador da capacidade de ajustar suas respostas para futuras situações. Ou seja, ter a possibilidade de se auto-corrigir.

Para os pesquisadores, a inteligência artificial permitirá uma amplitude maior no uso dos computadores e seus benefícios. Ricardo Machado, do centro científico da IBM Brasil, explica que, futuramente, em vez de programas computadorizados, bastará ao usuário se comunicar na linguagem normal diante do seu teclado.

No caso do convênio com a Escola Paulista de Medicina e a IBM, estima-se um investimento de 150 mil dólares (CZ\$ 6 milhões 750 mil), informou o gerente do centro científico da IBM, Fernando Borges Fortes. Já nesta fase inicial, além do conhecimento que absorverá de médicos especialistas, o projeto terá à disposição uma base de dados coletados pela faculdade de um universo de 1 mil 200 pacientes, que resultou em um acervo de 1 milhão 500 mil informações médicas.

Em termos científicos, o trabalho tem como objetivo encontrar um "sistema especialista de orientação terapêutica e diagnóstica", conciliando uma tecnologia científica e uma área — a biologia médica — que não abriga verdades absolutas. Como lembrou o professor Daniel Sigulem, é difícil definir inteligência até num ser humano.

A informática, para os médicos, professores e alunos da Escola Paulista de Medicina, não é novidade. Seu centro de informática em saúde, inaugurado em março último, com 36 microcomputadores, 15 impressoras, 4 modems de comunicação e um terminal de biblioteca regional de medicina, órgão da Organização Mundial de Saúde, já desenvolve um trabalho inédito no ensino de medicina.